

SÉRIE
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

ÊXODO



T. Desmond Alexander

VIDA NOVA

Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário Expositivo</i>	vii
Introdução à <i>Série Comentário Expositivo</i>	ix
Nota dos editores	x
Reduções gráficas (abreviações e siglas)	xi
Introdução a Êxodo	1
Êxodo 1.1-22	7
<i>Defendendo o Reino de Deus</i>	
Êxodo 2.1-25	13
<i>O que define uma pessoa?</i>	
Êxodo 3.1-22	18
<i>Um Deus temível</i>	
Êxodo 4.1-31	24
<i>O maior sinal de todos</i>	
Êxodo 5.1—6.9	29
<i>Superando obstáculos na estrada de Deus para a liberdade</i>	
Êxodo 6.10—8.19	35
<i>Sinais que apontam para Deus</i>	
Êxodo 8.20—10.29	41
<i>O poder persuasivo de um Deus gracioso</i>	
Êxodo 11.1—12.30	47
<i>A morte chega ao Egito</i>	
Êxodo 12.31—13.16	52
<i>Algumas coisas nunca deveriam ser esquecidas</i>	
Êxodo 13.17—14.31	57
<i>Soli Deo Gloria — Glória somente a Deus</i>	
Êxodo 15.1-21	63
<i>Alguém para cantar</i>	
Êxodo 15.22—16.36	68
<i>A vida é mais do que comida</i>	
Êxodo 17.1-16	73
<i>Conhecendo a presença de Deus</i>	
Êxodo 18.1-27	78
<i>Um sogro que vale a pena ter</i>	
Êxodo 19.1-25	83
<i>Uma nação santa para um Deus santo</i>	
Êxodo 20.1-17	89
<i>Uma declaração de missão radical para uma nação santa</i>	
Êxodo 20.18—21.11	94
<i>As implicações abrangentes de servir ao Deus vivo</i>	
Considerações adicionais	100
<i>O Livro da Aliança e as coletâneas de leis do antigo Oriente Próximo</i>	
Êxodo 21.12-36	102
<i>Olho por olho</i>	
Êxodo 22.1-20	108
<i>Os valores de propriedade de Deus</i>	
Êxodo 22.21—23.9	114
<i>A religião que Deus, nosso Pai, aceita como pura e sem mácula</i>	

Êxodo 23.10-19.....	120	Êxodo 30.1—31.18	146
<i>Separando tempo para Deus</i>		<i>Capacitados por Deus</i>	
Êxodo 23.20-33.....	125	Êxodo 32.1—33.6	151
<i>Você não pode servir a Deus e...</i>		<i>Ações têm consequências</i>	
Êxodo 24.1-18.....	130	Êxodo 33.7—34.35	156
<i>Festejando na presença de Deus</i>		<i>Deus, glória e bondade</i>	
Êxodo 25.1—27.21	135	Êxodo 35.1—40.38	161
<i>Céus e terra unidos</i>		<i>Deus em nosso meio</i>	
Êxodo 28.1—29.46	141	Notas	167
<i>Servindo na presença de Deus</i>		Bibliografia.....	171
		Índice de assuntos.....	175

Seja bem-vindo à

Série Comentário Expositivo

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta que fizemos quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher uma importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários atuais muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. As abordagens sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em análises técnicas, os pastores muitas vezes lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegéticas, usos indevidos

do grego e do hebraico e pouco refinamento hermenêutico. Existe a necessidade de um comentário que empregue o que há de melhor no que diz respeito à pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido com o propósito de disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em torno de seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira quanto de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se dedicam a preparações semanais, com o auxílio desta obra, vão saber que estão lendo aproximadamente a mesma quantidade de texto a cada semana.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal,

ou a “Ideia central”, da passagem e uma lista de seus principais temas. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que inclui o contexto literário da passagem, seus antecedentes históricos e considerações interpretativas. Ao mesmo tempo que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final de cada capítulo indicam ao leitor onde encontrar abordagens mais detalhadas e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Nos tempos atuais, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa

lacuna. Além da interpretação do texto na seção “Para entender o texto”, cada unidade traz as seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, sua Palavra “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os organizadores

Introdução à

Série Comentário Expositivo

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade.

1. *Ideia central*. Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Principais temas*. Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto*. Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
 - a. *Texto em contexto*. Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa

no desdobramento do texto ao seu redor, mesmo no tocante à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.

- b. *Esboço/Estrutura*. No caso de alguns gêneros literários (p. ex., Cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético a fim de guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
- c. *Antecedentes históricos e culturais*. Esta subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
- d. *Considerações interpretativas*. Esta subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser altamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
- e. *Considerações teológicas*. Nesta subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica

cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nesta seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os principais temas e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Principais temas”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui, o comentário sugere ilustrações úteis

em áreas como literatura, entretenimento, história e biografia e mais de quarenta outras categorias presentes na cultura. O propósito é oferecer ideias gerais para despertar a criatividade de pregadores e professores e ajudá-los na preparação de materiais para uma exposição mais vívida da mensagem e seus principais temas.

Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para reduzir a distância entre o texto bíblico e sua

aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

Reduções gráficas (abreviações e siglas)

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias

Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Eféios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1Tessalonicenses
2Ts	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro

2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

hebr.	hebraico
i.e.	<i>id est</i> , isto é
lit.	literalmente
p.	página(s)
p. ex.	por exemplo
v.	versículo(s)

Gerais

a.C.	antes de Cristo
c.	<i>circa</i> , cerca de
cap(s).	capítulo(s)
cf.	conferir
d.C.	depois de Cristo
etc.	<i>et cetera</i> , e o restante
gr.	grego

Versões contemporâneas

CEB	Common English Bible
ESV	English Standard Version
KJV	King James Version
NIV	New International Version
NRSV	New Revised Standard Version
RSV	Revised Standard Version

Introdução a Êxodo

Êxodo, o segundo livro da Bíblia, deriva seu nome de um título dado por tradutores gregos antigos. A palavra grega *exodos* significa “saída”, “partida”, e é utilizada em Êxodo 19.1 para se referir à saída dos israelitas do Egito. Embora a “saída” do Egito seja um evento extremamente significativo em Êxodo, há muito mais que isso no enredo do livro. Êxodo não é simplesmente uma história sobre os israelitas saindo do Egito, a qual é narrada nos capítulos 1—15; a obra está muito mais relacionada a Deus vindo habitar entre os israelitas, um tema que abrange os capítulos 19—40. Essa dimensão teológica é especialmente importante, mas infelizmente pode ser facilmente negligenciada em análises que focalizam apenas o lado humano da história do livro de Êxodo.

Enredo

Êxodo é um livro que envolve movimento. Primeiramente, há o movimento dos israelitas partindo do Egito para o monte Sinai. Êxodo começa situando os israelitas na terra do Egito, mas termina com eles acampando no monte Sinai. A maior parte do conteúdo do livro, capítulos 19—40, descreve os eventos no monte Sinai, e não no Egito, com alguns poucos capítulos recontando a transição

do Egito ao Sinai (Êx 15.22—18.27). Em segundo lugar, há o movimento de Deus, que faz morada bem no meio do acampamento israelita. A união de Deus e os israelitas no monte Sinai é bastante significativa, mas toda a grandiosidade dessa convergência pode ser facilmente negligenciada. Ela marca uma restauração parcial do relacionamento quebrado entre Deus e a humanidade, resultante das ações de Adão e Eva no jardim do Éden, e antecipa desenvolvimentos futuros, em que a presença de Deus encherá o mundo habitado por aqueles que são santos como Deus é santo.

Autoria

O próprio livro de Êxodo não identifica em nenhum trecho a pessoa responsável pela autoria ou pela edição do livro como nós agora o temos. Em uma primeira leitura, Êxodo atribui ocasionalmente a composição de seções específicas a indivíduos que são também personagens da história. Em Êxodo 15, parece provável que Miriã compôs o cântico utilizado pelos israelitas para celebrar seu livramento do exército egípcio. Em Êxodo 20, os Dez Mandamentos são atribuídos a Deus, que os declara de um modo direto ao povo. O livro da aliança (Êx 20.22—23.33)

é anunciado por Deus a Moisés, que subsequentemente registra tudo o que Deus declarou (Êx 24.4). De forma semelhante, as instruções para a fabricação do Tabernáculo e assuntos relacionados são transmitidas por Deus a Moisés (Êx 25—31). Nenhuma fonte específica é apresentada para a informação genealógica em Êx 6.14—25, mas ela supostamente se baseia em registros familiares conhecidos. A inclusão desses tipos de materiais diferentes na mesma narrativa sugere que o autor/editor incorporou em seu relato materiais pré-existentes. Isso exigiria um autor de talento excepcionalmente notável para escrever a partir do zero o livro completo de Êxodo como uma obra de ficção.

Uma tradição bem estabelecida associa Moisés à composição de Êxodo e dos outros livros do Pentateuco. À luz de seu papel central no enredo do livro, Moisés certamente seria uma fonte óbvia para a maioria das informações registradas. Entretanto, devemos também admitir a possibilidade de outros terem contribuído para formar o livro de Êxodo como o conhecemos. Por exemplo, Êxodo 16.35 claramente se refere a um evento que ocorreu depois de Moisés (cf. Js 5.10-12).

Influenciados por dois séculos de estudos que ridicularizam a veracidade da narrativa bíblica atual, muitos eruditos críticos têm elaborado suas próprias teorias em relação à composição do Êxodo. Embora afirmem que suas teorias foram desenvolvidas com rigor científico, elas frequentemente se baseiam em suposições questionáveis sobre a datação relativa de passagens do Pentateuco. Por quase um século, a Hipótese Documentária de Wellhausen dominou as

abordagens acadêmicas do Pentateuco, mas não desfrutava mais de apoio abrangente, resultando em uma confusão de alternativas concorrentes. Infelizmente, os esforços acadêmicos para explicar como e quando o livro de Êxodo foi composto têm, em grande parte, desviado a atenção da compreensão de Êxodo como uma obra literária unificada de extrema relevância teológica.¹

Interpretação de Êxodo

Embora o livro de Êxodo possa ser visto como uma entidade independente, ele é parte de uma narrativa literária posterior que vai de Gênesis a Reis. Êxodo pressupõe que seu leitor já conhece o conteúdo de Gênesis. Isso é evidente na sentença de abertura do livro, que utiliza os nomes Jacó e Israel sem explicar que se referem à mesma pessoa (cf. Gn 32.28). Em outro trecho de Êxodo, a referência é feita ao pacto de Deus com os patriarcas de Gênesis; isso estabelece a base da expectativa de que Deus finalmente estabeleceria os israelitas na terra de Canaã (cf. Êx 2.24; 3.16-7; 6.4,5,8; 32.13; 33.1-3).

Além do que é pressuposto de Gênesis, o livro de Êxodo também antecipa os futuros desenvolvimentos do que será narrado em Levítico e nos livros seguintes. As instruções para a consagração dos sacerdotes arônicos, transmitidas em Êxodo 29, são implementadas em Levítico 8. A realização da aliança no monte Sinai em Êxodo 19—24 é presumida na renovação da aliança nas Planícies de Moabe, como descrita no livro de Deuteronômio. O anúncio em Êxodo 15.17 de que os israelitas habitariam com Deus em seu santo monte antecipa o estabelecimento do povo na terra de Canaã, um processo que se estende pelos livros de Josué a Samuel.

Ler Êxodo como parte da narrativa de Gênesis a Reis deveria instruir o nosso entendimento da variedade de episódios que formam o livro de Êxodo. Quando o quadro mais amplo é levado em consideração, a ação de Deus em vir para habitar entre os israelitas parece reverter, ao menos em parte, as trágicas consequências da traição a Deus de Adão e Eva no jardim do Éden. Nessa reversão, a Páscoa é central, pois envolve tanto expiação quanto consagração. Por toda a Páscoa, Deus toma para si os primogênitos dos israelitas, na medida em que são resgatados da morte, purificados da contaminação do pecado e feitos santos. Posteriormente, os primogênitos são resgatados pelos levitas (Nm 3.12-3), os quais desfrutam de um *status* especial entre as tribos de Israel como indivíduos dedicados a servir a Deus no Tabernáculo/templo.

Para apreciar o significado teológico de Êxodo é importante compreender que a narrativa bíblica muitas vezes nos faz visualizar o que está acontecendo, em vez de apenas relatar. Assim, por exemplo, embora não haja menção específica sobre o conceito de expiação em Êxodo 12—13, os sacrifícios animais são claramente entendidos como um resgate pelos primogênitos, um elemento extraído indiretamente de Êxodo 13.11-3, em que o sangue sacrificial é utilizado para purificar aqueles que passam a mancha de sangue nos umbrais da porta das casas dos israelitas. Como fica evidente com base no livro de Levítico, a expiação inclui tanto o pagamento de um resgate quanto a remoção da impureza por causa do pecado humano. O mesmo processo também se reflete na ratificação da aliança no monte Sinai (Êx 24.5,6), enfatizando que a expiação

é um pré-requisito essencial para a relação única dos israelitas com Deus.

Embora o ritual da Páscoa envolva expiação e consagração como modelos para que as pessoas se tornem santas, o livro de Êxodo sublinha que a perfeita comunhão com Deus não é alcançada. Êxodo não conclui com os planos de Deus para os israelitas e para toda a humanidade sendo consumados. O Tabernáculo possibilita Deus habitar no meio do acampamento israelita, mas a tenda em si funciona como uma barreira de proteção entre Deus e a humanidade. A construção do Tabernáculo é simplesmente uma etapa inicial para que a glória de Deus encha toda a terra, quando céu e terra se tornarão um só. O desenvolvimento em Êxodo é um passo significativo no plano de salvação divina, porém ainda há mais etapas para ocorrer. Os eventos registrados em Êxodo apresentam o modelo de como a relação quebrada entre Deus e a humanidade pode ser restaurada, indicando de modo implícito que um grande Êxodo está reservado para o futuro.

Principais temas teológicos e/ou narrativos

A convergência entre Deus e os israelitas no monte Sinai é uma conclusão adequada para um livro que tem como uma de suas ideias dominantes o tema do conhecimento de Deus. Subjacente aos eventos descritos em Êxodo está o desejo de Deus de que as pessoas cheguem a um profundo conhecimento a respeito dele, tanto intelectual quanto relacional. Por meio de palavras e ações, Deus faz a si mesmo conhecido, começando com sua aparição a Moisés na chama de fogo (Êx 3.2) e concluindo com sua glória preenchendo o recém consagrado Tabernáculo (Êx 40.34-8).

O tema do conhecimento de Deus assume especial importância à luz da pergunta de Faraó: “Quem é o SENHOR?” (Êx 5.2). Os episódios subsequentes envolvendo sinais e maravilhas contêm alusões a essa pergunta (Êx 6.3-7; 7.5,17; 8.10,22; 9.4,16,29; 10.1,2; 11.7; 14.4,18), indicando que os eventos sobrenaturais no Egito são especificamente planejados por Deus para fazê-lo conhecido tanto aos israelitas quanto aos egípcios. Esses eventos, juntamente com a destruição do exército egípcio no “Mar Vermelho” (ou melhor, “lago de Juncos”; veja adiante os comentários de 13.17,18), destacam os incríveis poder e majestade de Deus.

O tema do conhecimento de Deus aparece de forma proeminentemente na aliança ratificada no monte Sinai, preparando o leitor para a subsequente construção do Tabernáculo. A aliança estabelece um relacionamento especial entre Deus e os israelitas, pavimentando o caminho para Deus vir e habitar entre eles. Com o estabelecimento da aliança, os líderes proeminentes dos israelitas recebem o privilégio de ver Deus, mas não plenamente (Êx 24.9-11). No entanto, apesar desses desdobramentos positivos, até mesmo Moisés, que desfrutava de um relacionamento especialmente íntimo com Deus, não pode ver a face de Deus. Contudo, a vinda de Deus para viver entre os israelitas introduz uma dimensão inteiramente nova em relação ao tema do conhecimento de Deus, pois ele agora vive em proximidade com seu povo, de uma maneira nunca experimentada desde que Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden. Enquanto a vinda do Senhor para residir no acampamento israelita é um novo desdobramento significativo no plano redentor de Deus, a barreira

final entre Deus e a humanidade será removida somente com a morte do sacrifício perfeito de Páscoa (Mt 27.51; Mc 15.38; Lc 23.45).

No processo de conhecer a Deus pessoalmente, os israelitas precisam ser libertos da servidão de Faraó antes de poderem servir ao Senhor. Enquanto se movem da servidão de um senhor para outro, fica cada vez mais clara a diferença entre os dois senhores. Enquanto o faraó os escraviza à força e os sujeita a uma servidão severa, o Senhor convida os israelitas a aceitar voluntariamente seu governo sobre eles, prometendo tratá-los como seu “tesouro pessoal” (Êx 19.5). Enquanto os israelitas são recrutados para construir cidades-armazéns de tijolos para faraó, o Senhor os comissiona e os equipa para construir uma tenda real como sua habitação entre eles. Faraó se recusa a supri-los com a palha necessária para seu trabalho, o Senhor, contudo, generosamente provê a eles comida e água durante sua caminhada no deserto. A experiência dos israelitas de servir ao Faraó é muito diferente da de servir ao Senhor.

Definições históricas

Sem dúvida, os eventos descritos em Êxodo são assumidos pelo autor do livro como tendo um fundamento histórico. Ele escreve sobre eventos reais, envolvendo pessoas reais. Ao fazer isso, o autor de Êxodo não tem dúvidas em atribuir a Deus a ocorrência de eventos e palavras. Ao longo de Êxodo, Deus é uma das figuras centrais e o próprio livro foi escrito com a intenção de fazer o Senhor conhecido a outros. Os eventos sobrenaturais narrados fornecem evidências da existência de Deus que vão além do que pode ser concluído com base na “revelação natural”.

Quanto à localização desses eventos no tempo e na história, o próprio livro de Êxodo fornece poucas informações específicas. Êxodo 12.40-41 registra que os israelitas viveram 430 anos no Egito, mas nenhuma data absoluta é fornecida para o início ou o fim desse período. De acordo com 1 Reis 6.1, o Êxodo ocorreu 480 anos antes do “quarto ano do reinado de Salomão sobre Israel”. Assumindo que Salomão tenha começado seu reinado em 970 a.C., isso daria uma data absoluta de 1450 a.C. para a partida dos israelitas do Egito. No entanto, alguns estudiosos questionam a exatidão do que é declarado em 1 Reis 6.1, preferindo datar o Êxodo do século 13 a.C. com base em outras considerações, principalmente arqueológicas.

Apontando para a ausência de fontes não bíblicas que mencionem o Êxodo israelita do Egito, alguns estudiosos acreditam que a versão dos eventos do Êxodo é amplamente fictícia.² Embora a ausência de evidência não deva ser descartada levemente, é muito improvável que um faraó registraria em um monumento de pedra uma descrição desses eventos desastrosos da perspectiva egípcia. Caso tivessem sido feitas descrições em papiro e armazenadas na região do Delta, estas teriam perecido juntamente com quase todos os outros textos em papiro do período do Novo Império.

A dificuldade em datar o Êxodo com precisão é agravada pelo fato de que os faraós mencionados em Êxodo nunca são nomeados. Essa parece ser uma característica literária deliberada, planejada para transmitir a ideia de que esses reis egípcios são, na realidade, insignificantes, apesar de seu suposto *status* divino no Egito antigo. Os nomes dos faraós são omitidos, mas ironicamente

os nomes das duas parteiras, que de modo corajoso desafiaram o rei egípcio, são registrados para a posteridade.

Se não há bases históricas para o Êxodo, os responsáveis por inventar o relato notável da libertação de Israel do Egito fizeram muito mais do que uma mera descrição fictícia do passado de Israel. Eles também conseguiram estabelecer uma celebração anual com base em sua reconstrução imaginativa do passado, celebração esta adotada não somente por judeus, mas também por samaritanos. À luz de como essas duas comunidades religiosas opostas celebravam o mesmo evento, há boas razões para questionar o ceticismo de alguns estudiosos contemporâneos de que a narrativa do Êxodo seja meramente um *faz-de-conta*.³ É mais lógico concluir que a celebração da Páscoa se baseia em uma realidade antiga.

Êxodo e o Novo Testamento

Como o principal paradigma do Antigo Testamento para a salvação divina, a história do Êxodo orienta o entendimento dos escritores do Novo Testamento a respeito da morte de Jesus Cristo na época da Páscoa (p. ex., 1Co 5.7). Embora todos os Evangelhos se inspirem no Êxodo, o Evangelho de João é especialmente rico em ressaltar os paralelos entre a morte de Jesus e a Páscoa. João até observa que os ossos de Jesus não foram quebrados, como era o caso dos sacrifícios da Páscoa (Jo 19.33-36; cf. Êx 12.46; Nm 9.12). A ênfase de João na Páscoa está de acordo com sua crença de que Jesus traz vida em toda sua plenitude. Assim como os sacrifícios da Páscoa deram vida aos primogênitos dos israelitas, a morte sacrificial de Jesus dá vida eterna aos que creem nele. Além disso, para realçar essa ligação com o

Êxodo, João registra os sinais realizados por Jesus antes da Páscoa. Assim como os sinais realizados por Moisés e Arão, os sinais de Jesus também têm a intenção de promover a confiança naquele que foi enviado por Deus.

Êxodo e teologia bíblica

O livro de Êxodo contribui de forma muito significativa para nosso entendimento do plano redentor de Deus para toda a humanidade. Vemos na micro-história de Êxodo a macro-história da Bíblia. Deus vem como Salvador e Rei para redimir um povo do controle satânico, a fim de resgatá-lo da morte, purificá-lo da corrupção e santificá-lo de modo a ser restaurado à condição perdida por Adão e Eva, tornando-se um

sacerdócio real e uma nação santa. No entanto, embora o resgate dos israelitas do Egito realizado por Deus estabeleça o modelo para o processo de salvação, esse resgate somente prefigura algo maior por vir, pois a aliança do Sinai não capacita os israelitas a obedecer a Deus plenamente. Portanto, o acesso à presença de Deus ainda está obstruído a todos, exceto ao sumo sacerdote, e até mesmo para ele o acesso é restrito. Um Êxodo ainda maior é previsto, que cumprirá o plano da Criação de Deus de habitar na terra com seu povo. Tal Êxodo ocorre por meio da morte sacrificial de Jesus Cristo, o que resulta, finalmente, na criação da Nova Jerusalém, testemunhada por João em Apocalipse 21—22.